

Por um Congresso despoluído

MOACIR WERNECK DE CASTRO *

“É preciso despoluir a baía da Guanabara, mas devemos também limpar o Congresso Nacional em Brasília”, disse Maria da Conceição Tavares. No momento em que me dispunha a escrever sobre a economista, saía a decisão do Superior Tribunal Eleitoral que condenou o presidente do Senado e do Congresso Nacional, Humberto Lucena, por ter mandado imprimir 130 mil calendários com propaganda eleitoral na gráfica do Senado.

Decisão judiciária não se discute, mas, cá entre nós, o TSE se meteu numa grande alhada, como dizem os portugueses. Se solicitado, vai ter que sair condenando a torto e a direito. O uso perdulário da gráfica do Senado para propaganda eleitoral vem de longe e envolve meio mundo.

Era este o melhor momento para punir Lucena? Tudo pela ética, muito bem, palmas. Mas, e os outros culpados? As outras mordomias, avião de graça, isenção de tarifas postais, DDD à vontade etc., será que não servem também a propósitos eleitoreiros? E os “anões” do Orçamento que ficaram à solta, elegibilíssimos?

Aos venerandos magistrados não cairia mal se munirem de um pouco de senso político. O Poder Judiciário também tem os seus pontos fracos, que nunca foram abordados a fundo. Ainda recentemente eles andaram em foco a propósito da questão da isonomia, até provocando um entrevero com o Executivo.

Não é com um raio expedido de um céu sem nuvens que se irá restaurar a imagem da instituição parlamentar, tão desacreditada. O jeito é renová-la de cabo a rabo, aproveitando a próxima eleição. E aqui chego de volta ao assunto da minha pauta. Desejo apresentar um caso que me parece exemplar nesse necessário caminho de renovação.

Não quero desfazer em ninguém, mas uma pessoa como Maria da Conceição Tavares na Câmara dos Deputados será contribuição importantíssima para o resgate da representação popular. Há muitos candidatos e candidatas merecedores de apoio e voto, mas essa mulher reúne condições especiais para estar no Congresso. Outros há (já não tantos) que sabem pensar e falar interpretando com fidelidade e honradez os anseios do povo, mas essa debatedora e polemista excepcional não deve faltar na Câmara.

Trata-se da representação de toda uma tendência da opinião pública, não apenas de um partido político. Uma tendência da esquerda, entenda-se, sem sombra sectária. Por mais que se esfalfem alguns especialistas, a divisão do universo político entre esquerda e direita não acabou, nem vai acabar tão cedo. É o divórcio inevitável entre os que querem transformar o país e o mundo, e aqueles que pretendem conservá-los como estão, perpetuando uma dominação antiga. No meio, funcionam os conciliadores, o chamado centro: daí o centro-direita e o

centro-esquerda. Em certos casos, pode ser um esforço cabível, esse da conciliação. Mas esquerda e direita continuam a ser, mais que rótulos essencialidades.

É válido que numa democracia, a direita, sendo majoritária, exerça o poder. Em geral, para se eleger, ela não assume sua identidade. O candidato que lidera as pesquisas, Fernando Henrique Cardoso, é apresentado por alguns analistas como representante da “esquerda moderna”, mas o empresário Mario Amato, possuidor de uma forte consciência de classe, o rotulou esta semana, sem qualquer dúvida ou disfarce, como “homem de direita”. Intolerável é que o poder político seja alcançado à custa de uma formidável manipulação da opinião pública, e que se mantenha graças a jorros fantásticos de dinheiro e de uma descomunais força televisiva.

Para a esquerda, nesse quadro, a estratégia essencial deveria ser a de manter-se unida, coisa que ela não consegue. Muito difícil é entender e explicar por quê. Mas acontece. É uma idiosincrasia brasileira que nos persegue, variando caprichosamente a cada etapa da vida política do país.

Personalidades como Maria da Conceição Tavares podem representar uma bandeira de unidade, e por isso crescem de importância. Maria da Conceição é candidata pelo Partido dos Trabalhadores, e disso muito se orgulha: Fica ofendida se dissociam sua candidatura à Câmara dos Deputados da candidatura de Lula à Presidência da República. Não escapa, entretanto, a um destino de amplitude. Seu nome, pertencendo a uma legenda partidária, é ao mesmo tempo o de uma frente. E esta não se restringe à Frente Brasil Popular: vai mais longe e mais alto, abrangendo setores de outras organizações políticas movidas por um saudável desejo de mudança.

Fortaleceu-me nessa conclusão a leitura de alguns artigos de Maria da Conceição Tavares, reunidos na coletânea *Lições contemporâneas de uma economista popular*. Seu dom de comunicação, sendo extraordinário, não é um virtuosismo cênico capaz de levá-la a interpretar qualquer papel. Não: esse dom está a serviço de uma coerência fundamental de idéias e princípios. Isso é importante numa hora em que vemos membros conspícuos da mesma confraria intelectual aparecerem com sinal contrário, numa rápida metamorfose.

É uma “intelectual crítica”, como se define, que sempre esteve do lado dos oprimidos. Uma economista que despreza o jargão e se faz compreender claramente pelo povo. Um temperamento forte, em que a veemência do tom encobre o bater de um coração solidário.

Papel decisivo vai caber aos legítimos representantes da vontade popular que sejam eleitos agora. Particularmente, a essa mulher digna e combativa, que bons ventos trouxeram de Portugal para colocar seu talento a serviço das nossas boas causas.